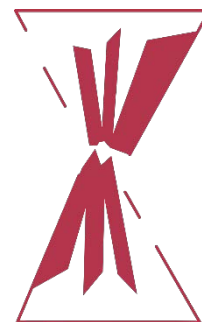


## ***Entrevista com Profa. Dra. Marília Vieira Soares***

*Departamento de Artes Corporais, IA, Unicamp*



Jorge Lúzio\*

Embora já esteja, em vários países, como uma área de grande interesse investigativo, as artes performáticas do Oriente, enquanto laboratório de práticas, imersão e produção de conhecimento do vastíssimo espectro das culturas asiáticas, constitui uma experiência relativamente recente no Brasil. Os estudos sobre as artes cênicas asiáticas, que incluem inúmeras linguagens e técnicas, com ênfase na Dança, na Dramaturgia e nas Artes Marciais, não se limitam às análises de formas e modelos. A investigação histórica, os princípios filosóficos, as correlações multidisciplinares, as perspectivas de conceitos não-ocidentais sobre corporeidades e corporalidades, o caráter estético, a dimensão sociológica, as abordagens desenvolvidas na antropologia do corpo, os signos e os gestos, enfim, estão entre os incontáveis diálogos que se estabelecem entre as artes cênicas asiáticas e os pesquisadores e artistas brasileiros, em seus vínculos com a história da imigração e com as comunidades asiáticas brasileiras, ou através de contatos, formação ou vivência nos países, cujas culturas são estudadas a partir das artes da cena.

Com uma longa experiência, como bailarina e dançarina de Dança Clássica Indiana – no estilo Odissi, e nos últimos 5 anos pesquisando a dança-drama balinesa, a Profa. Dra. Marília Vieira Soares é uma das precursoras no Brasil, no trabalho com as artes corporais asiáticas no âmbito acadêmico. Educadora com formação em Dança, Marília Soares, atualmente professora emérita do DACO UNICAMP, acompanhou a trajetória de alunos e alunas, artistas e pesquisadores brasileiros em seus estudos *in loco* nas viagens à Ásia e trouxe professores e artistas orientais, em sua maioria artistas das danças clássicas da Índia, aproximando culturas, promovendo o intercâmbio de um

---

\* Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, mestrado em História pela mesma instituição e estágio doutoral na Universidade de Évora - Portugal (Bolsista CAPES Sanduíche). Desenvolve projeto de Pós-doc interdisciplinar em História da Ásia, com trabalho em andamento na Universidade Federal de São Paulo, sobre estudos em cultura e representação nas relações étnico-raciais. E-mail: jorgeluzio@hotmail.com

aprendizado mútuo e estabelecendo um espaço para a interculturalidade Oriente – Brasil, entre redescobertas e desconstrução de estigmas e distâncias.

O testemunho e o legado profissional da Profa. Dra. Marília Soares é um registro valioso de outras perspectivas e possibilidades, na superação dos orientalismos, em novos vieses para os estudos asiáticos, em formas inovadoras de diálogos com o Oriente.

*Dr. Jorge Lúzio: As temáticas das danças clássicas da Índia, em particular o estilo Odissi, constituem uma das suas áreas de atuação nos estudos sobre o Oriente. Qual foi a experiência que lhe despertou para estes estudos?*

*Dra. Marília Vieira Soares:* Meu interesse pela Índia vem dos primórdios da minha infância, não sei dizer de onde veio... Aos 15 anos entrei para uma escola de danças folclóricas que tentava se estabelecer em São Paulo sob direção da Profa. Nilza Gomes Vieira. Além de bailarina clássica de formação, ela dominava as danças folclóricas mundiais e era praticante de Yoga, arte na qual fui introduzida naquele momento, e também me deu uma introdução à dança indiana com o trabalho dos mudras e alguns passos essenciais. Minha experiência com a dança indiana ficou por aí mas o Yoga continuo praticando até hoje. Tive um vislumbre sobre o uso das mãos, da cabeça e dos olhos. Na década de 70 aprendi a Meditação Transcendental de Maharishi Mahesh Yogi.

A escola não teve continuidade, e minha vida de profissional em dança continuou, mas sem tocar no assunto do Yoga. Imagine na década de 60 uma jovem dizer que praticava Yoga!!! Era blasfêmia para a Dona Halina Biernacka, minha mestra de balé, e entre os amigos, imaginavam que eu iria me tornar um ser esquelético sentada numa cama de pregos... e vinha muito deboche. Aprendi a me calar. Estudava balé. Aí tinha um vazio. Os balés de repertório contavam estórias; isto exigia interpretação. *Giselle* enlouqueceu. Como dançar uma louca? Não tinha instrumentos. Minha experiência com o teatro girava em torno do mesmo problema: a expressividade vinha de ensaio, erro e acerto, mas sem instrumentalização que desse a dose certa de energia a cada situação. Tudo muito intuitivo. Quando se acertava, não sabia bem porquê. Aí vinha na lembrança a dança indiana, mas naquele tempo não havia professores desta dança no Brasil.

Dancei muito, dei muita aula antes de cursar Licenciatura em Dança na UFBA-1985 (já tinha feito o curso de História na PUC-Campinas em 1973). Voltei a São Paulo, ingressei no mestrado da ECA-USP sob orientação do Prof. Dr. Miroel Silveira, criador do Método Energético de Direção Teatral que partia do princípio dos *chakras* como fonte de movimento expressivo. Meu trabalho seria sistematizar uma técnica corporal

que possibilitasse a aplicação mais efetiva do método de direção. Infelizmente a passagem do Prof. Miroel impediu meu mestrado no tema que acabou por ser a tese de doutorado defendida na FE-Unicamp em 2000 (Técnica Energética: Fundamentos Corporais de Expressão e Movimento Criativo (TE) [libdigi.unicamp.br](http://libdigi.unicamp.br))

Em 1995, portanto com a pesquisa da TE já iniciada, tomei contato com a Profa. Silvana Duarte que me introduziu na técnica do Odissi e no universo filosófico da dança indiana. Desde então a prática diária e a pesquisa deslancharam juntas, e a TE tornou-se um estudo da “tradução do sânscrito para o português” dos princípios de expressividade corporal do *Natyashastra* – o livro das artes cênicas indianas considerado o quinto Veda, ou seja um tratado de sabedoria sobre as artes cênicas, cujas bases fundamentais foram retiradas dos quatro livros que o precederam. Pretendo lançar uma nova edição atualizada desta técnica depois de minha próxima viagem à Ásia.

**Dr. Jorge Lúzio:** *O que se pode destacar, nas últimas décadas, sobre a história das artes corporais orientais no Brasil? Qual a análise que pode ser feita sobre o surgimento deste campo de investigação?*

**Dra. Marília Vieira Soares:** Acredito que foi a globalização que aproximou comercialmente e culturalmente o Brasil do Oriente no período mais recente. Mas lembremo-nos que as imigrações japonesa e chinesa foram anteriores, e que deixaram uma grande influência nos locais onde se acomodaram os imigrantes, e a divulgação das artes marciais foram feitas pelo cinema, principalmente. As artes cênicas orientais não entraram neste circuito. Yoga era coisa de loucos excêntricos. Dança oriental era restrita às comunidades de imigrantes. E veja bem, durante muito tempo, nos setores médios da sociedade onde houve uma grande aceitação dessas práticas, regia a lei: “meninos fazem artes marciais e meninas fazem balé para ter postura e graciosidade...”, ser bailarina, nem pensar! As pioneiras neste setor sofreram grandes ondas de preconceitos.

Acredito que a criação de cursos universitários de dança foi um ponto de partida importante para o surgimento da pesquisa em dança e, conseqüentemente, da deshierarquização do balé como arte máxima da dança e técnica básica para todas as outras como era até então. O curso da Bahia (década de 50) por exemplo, é todo consolidado em base da dança moderna, sendo o balé um acessório importante, mas não o principal. Foi o primeiro no Brasil; o segundo criado na Unicamp deu impulso à pesquisa de danças brasileiras e, portanto, à pesquisa em dança de forma que as técnicas corporais do Oriente eram uma disciplina de formação do intérprete. Assim aconteceu uma abertura

na concepção de dança que se espalhou pelo Brasil, em outros estados e universidades que possuem uma abertura para aceitação de danças orientais. A conquista de respeitabilidade acadêmica vai se construindo e isso reverbera na sociedade em geral. Vemos isso claramente no panorama da dança em Campinas, por exemplo, depois da abertura do curso na Unicamp, e é notória a disponibilidade corporal dos alunos que saem do curso; nossos ‘netos’, que vêm fazer a faculdade!

Sabemos da importância das pesquisadoras e desbravadoras que atuam independentemente no mercado, mas sublinhamos as restrições que este meio possui. Na universidade, mesmo quem não se interessa pelo assunto, ouve falar dele, e é uma clientela de 25 a 30 alunos que entram anualmente. Além disso, o acesso às instituições de fomento são o que impulsiona as pesquisas e isso é restrito ao meio acadêmico. Os *Encontros Internacionais de Pesquisadores em Dança Indiana e Artes Corporais do Oriente* está em sua quinta edição e é financiado pela Capes, CNPq e Fapesp, além do Sesi e Sesc. É um evento itinerante com objetivo de levar as técnicas orientais onde ainda não se conhece muito sempre com a colaboração de pesquisadores independentes. O último foi em Maceió, e o próximo será em Salvador. A pluralidade de danças e estilos, assim como das artes marciais como o *kallariyppayatu* estão sendo divulgadas através destes festivais. As danças-drama balinesas também fazem parte do Grupo Pallavi – CNPq do qual sou a dirigente. As informações que tínhamos sobre elas e sua importância estavam nos textos de Antonin Artaud, mas não tínhamos a menor idéia do que era até ter contato direto com as fontes. Além disso, como acadêmicos temos obrigação de publicar artigos, livros, ensaios, dissertações e teses. Tudo isso é um meio de publicação que valida muito a seriedade das pesquisas, divulgando-as.

**Dr. Jorge Lúzio:** *De que modo as artes corporais do Oriente podem contribuir com a formação de artistas brasileiros, especialmente da Dança, do Teatro e da Música, considerando serem matrizes culturais tão distintas e paradoxalmente tão próximas...?*

**Dra. Marília Vieira Soares:** Um item que me fascinava muito era a proximidade com o sagrado. A presença do mito nas coreografias trazia alguma coisa de mágico, que levava a um estado alterado de consciência. O Oriente não sofreu a ruptura que tivemos na formação de nossas artes cênicas. No *Natyashastra*, *natya* tem o sentido de artes cênicas, mas inclui a música e a poesia e foi uma obra doada pelo deus Brahma, na função de acalmar os ânimos da humanidade descontrolada daquele momento. Este é o primeiro capítulo da obra, que explica sua origem. Ela veio da mão do deus criador, assim

como a dança grega foi ensinada por Gaia aos guerreiros para que com seu barulho de bater os escudos, Cronos fosse impedido de ouvir o choro de Zeus, e assim o bebê foi salvo da fúria do pai destruidor.

O teatro e a dança que temos foi criado dentro do âmbito profano das cortes europeias desde a Renascença, modelo da disputa com o poder secular da Igreja, usando a mitologia greco-romana distorcida pelo pensamento cristão, na qual os deuses e figuras mitológicas eram simples alegorias para retratar a sociabilidade aristocrática em seu caminho para o Absolutismo. O balé clássico é o símbolo do Estado Moderno, tendo como grande modelo o Rei Luís XIV. E aí o teatro, a dança, a música e a poesia tomaram seus rumos independentes.

Esta busca por algo que está faltando aparece principalmente no pós-romantismo, quando as pesquisas acabaram por tornar a distância maior ainda entre as linguagens artísticas. A literatura tornou-se Realista, a poesia Parnasiana, a música e a pintura Impressionista, a ópera Verista... e depois vieram o Expressionismo, Futurismo, Cubismo, etc. A dança quase desaparece no teatro da Ópera de Paris, submissa à ópera. A *obra de arte total*: É o sonho de Richard Wagner. Está lá no *Natyashastra*.

Este sagrado pode ser até um termo rejeitado, mas a busca por 'tornar visível o invisível' de Artaud, as intensas pesquisas teatrais do século XX, decorrente do caminho trilhado por François Delsarte, levaram os pesquisadores para o Oriente. Delsarte exerceu uma grande influência na Europa da segunda metade do século XIX com seu estudo da expressividade humana, que resultou na criação da dança moderna nos Estados Unidos, via seu aluno Steele MacKaye. Sua teoria tem três princípios básicos: corpo-alma-espírito, de onde nasciam os movimentos expressivos. Pelos desenhos deixados em seus parcos escritos podemos ver que ele pertencia a Ordem Rosa Cruz. O estudo sobre Delsarte foi uma base teórica da construção da TE, e acredito que esta busca pelo invisível possa estar nas técnicas orientais. Concretamente falando, as técnicas indianas e balinesas trabalham minuciosamente a cintura escapular, ombros, braços, mãos, pescoço, cabeça e olhos que são as fontes da expressividade.

**Dr. Jorge Lúzio:** *Como pensar os conceitos de Cultura e de Representação, para se compreender e dialogar com as artes corporais do Oriente?*

**Dra. Marília Vieira Soares:** Culturas têm muito em comum. A mitologia é um desses pontos que aproximam as semelhanças e diferenças, por exemplo; o mito do dilúvio está presente em 164 culturas bem distintas e afastadas umas das outras, inclusive nossos

índios guaranis. E assim muitos outros exemplos, como a oitava encarnação de Vishnu – Balarama – que une dois rios para salvar a humanidade, como teria sido um dos trabalhos de Hércules; na primeira encarnação Vishnu ensina Manu a construir um barco no qual deve colocar sementes de todos os vegetais, casais de todos os animais, inclusive humanos para se salvar do grande dilúvio que viria. Aliás, as dez encarnações de Vishnu despertam uma grande discussão por ser muito semelhante a teoria evolucionista de Darwin: peixe, tartaruga, javali, meio-homem/meio-leão, anão, guerreiro, príncipe, herói (Balarama), Buda (encarnação presente) e Kalki – aquele está por vir... Messias?! Quando nos aproximamos de outras culturas de coração aberto encontramos muitas semelhanças, e todas estas representações estão formatadas em gestos e símbolos em coreografias e poesias, que cultivam a simpatia de quem pratica. A presença da mitologia na prática da dança sempre desperta interesse e curiosidade através de uma identificação dos pontos onde os mitos se tocam.

*Dr. Jorge Lúzio: É possível dizer que as artes corporais do Oriente estão consolidadas no Brasil?*

*Dra. Marília Vieira Soares:* Artes corporais do Oriente é um universo muito grande. Não sei se é possível enumerá-las, mas os contatos que estão se construindo levarão ainda muito tempo para criarem raízes. As artes marciais tem mais tempo de implantação e não implicam em relações com a religiosidade como as artes cênicas, o que torna o terreno mais acessível. O que temos no momento são focos de estudos nas universidades, e alguns pesquisadores independentes, mas tendo em vista que tudo isto ainda é muito recente, temos que ter paciência para que as sementes brotem, se desenvolvam e gerem frutos.

Em uma visita a nossa universidade nos anos 90, a Ph.D. Parwati Dutta da MGM University – Índia, declarou que as artes indianas estão sendo melhor preservadas fora da Índia, referindo-se a ocidentalização que está ocorrendo desde os anos 70/80, numa tentativa de elogiar os trabalhos feitos com as danças no Brasil e nos Estado Unidos, cuja fidelidade ela achou incrível. Ou seja, no Oriente as coisas também estão se modificando, e existe muita discussão sobre orientalismo, multiculturalismo, etc, que irão enriquecer as reflexões e tornar o fazer artístico mais atualizado. Tudo está mudando.